

Novo Eldorado¹

Camila BARANDA²

Alan Gomes FREITAS³

Jéssica Natália Souza SANTOS⁴

Jéssica Santiago COIMBRA⁵

Mariana Dias de Oliveira Nascimento MAYRINK⁶

Noelle Andressa Oliveira CABRAL⁷

Suelen Regina Aguiar ROCHA⁸

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁹

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

RESUMO

Neide Gondim em sua obra “A Invenção da Amazônia” retrata duas visões sobre a Amazônia, uma representada pelo imaginário europeu, outro pelo contraste deste com a realidade dos nativos. A autora aproxima seus leitores desses pontos de vista e critica a forma que a Amazônia foi “inventada” pelos colonizadores. Para demonstrar o exotismo das literaturas e propiciar reflexões a cerca do assunto, o filme de ficção “Novo Eldorado” retrata o real com o ficcional através do encontro do branco com os indígenas, da fantasia da literatura e da construção de sentidos quanto a terra prometida, visões distorcidas da realidade amazônica. Expõe a contribuição do estrangeiro na literatura ficcional que fez com que muitos viessem a tal terra, encantados pela leitura e pela busca de riquezas, e a tornaram um ambiente de exploração da fauna e da flora.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; europeu; indígenas; riquezas; exploração.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de Ficção.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: alimacba@gmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: allan.difusao@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: jess_natt@hotmail.com.

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: jessantiagocoimbra@gmail.com.

⁶ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: mariana.dias.mayrink@gmail.com.

⁷ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: noelle14.cabral@gmail.com.

⁸ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: srtasuhrocha@gmail.com.

⁹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O filme *Novo Eldorado* trata-se de um curta-metragem de ficção abordando a Amazônia quando os europeus chegaram aqui e exploraram as terras com o objetivo de encontrar riquezas e enfrentar monstros. A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar as civilizações distantes, a literatura foi um dos artifícios utilizados para criar fantasias, potencialidades imaginárias em que os autores europeus criavam para angariar um público leitor cada vez mais assíduo. Temos assim, um painel dos primeiros viajantes cronistas, como também dos ficcionistas, que escreveram sobre aquela região até o século XX. A grande maioria desses aventureiros deixa o seu registro de entusiasmo, preconceito e fantasias.

Gondim afirma que “a Amazônia foi uma invenção”, pois a Amazônia não foi descoberta, esse termo só foi intitulado com a chegada dos portugueses. (GONDIM, 2007, p. 14). Souza (2009) afirma “que quando os europeus chegaram ao século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas” (p.118). A invenção da Amazônia se deu a partir de ideologias desde a escritura bíblica, fazendo um percurso pela Idade Média até os nossos dias. Acreditava-se que existia aqui na terra um paraíso, igual o descrito na Bíblia, que era o jardim do Éden, onde habitava Adão e Eva.

“Paraíso ou Eldorado” existia e era uma cidade coberta de ouro e que possuía um rio onde suas águas conservassem a juventude eterna. Percebe-se que A Invenção da Amazônia se dá a partir das construções ideológicas de um território, que é parte de um conjunto de mitos e fabulações que os europeus inventaram a América.

Para demonstrar o contraste entre a Amazônia inventada e a realidade amazônica, o curta “Novo Eldorado” vincula a fantasia do europeu com a vivência indígena e, para tanto, tem como enredo a seguinte trama: O professor de história conversa com os alunos dentro de uma sala de aula. Eles começam a falar sobre a exploração da Amazônia pelos primeiros viajantes e a debater sobre o tema. Entre os estudantes está Pietra, ela não está interessada na aula e começa a sentir muito sono, até que cai não resiste e dorme.

É quando tem um sonho. Pietra se vê em uma floresta tropical, de vegetação densa. Ela fica desorientada sem saber onde está e começa a andar sem rumo e começa a ouvir alguns barulhos estranhos vindos da selva. Ouve a voz de uma pessoa, e esta pessoa é Fernando, um explorador português. Ela passa a seguir o explorador que, por sua vez, só reclama de tudo (do calor, dos mosquitos, da sede, da fome, e de não encontrar nada do que esperava).

Enquanto Fernando resmungava, Pietra percebe que existem dois índios escondidos observando os passos do explorador. Os índios surgem armados, ficam na frente do descobridor. Fernando os trata mal, os chamando entre outras coisas, de primitivos. Sendo assim, resolvem levá-lo preso até o chefe da sua tribo, enquanto Fernando exige que o soltem e tragam comida e água para ele.

Os índios falam ao chefe da tribo que trouxeram o homem branco para ensinar a ele uma lição, mas o chefe da tribo argumenta que foi um erro por eles serem uma tribo pacífica. Mas ao conversar com o explorador, percebe o porquê de os índios estarem revoltados com Fernando. O homem branco os trata como inferiores e só pensa em escravizá-los. O chefe mostra ao homem a realidade sobre os índios e sobre a natureza também, já que Fernando diz que o lugar “não tem riquezas” como ele imaginava. O homem branco percebe que a realidade sobre a Amazônia é diferente da que ouvia falar. Não há monstros nem Eldorado, mas há riquezas naturais e bichos dos mais variados tipos.

Pietra acorda assustada e chama sua amiga Fabiana para contar a ela o sonho inacreditável que teve. O professor vê as duas falando no meio da aula, os interrompe e Pietra é obrigada a contar sobre o sonho que teve. O professor acaba achando interessante o ocorrido e reflete sobre o que ela acabou de contar, inclusive a própria, que fica pensativa sobre a história do Amazonas.

Considerando o enredo, pode-se perceber que quando os navegantes chegaram à Amazônia, não encontraram as riquezas que esperavam e nem o paraíso muito menos. Pelo contrário, era difícil se adaptar à região, e eles acabaram dependendo dos índios para sobreviver. Assim, no filme de ficção foi inserido um personagem que era o navegante, e ele ao chegar sentia as diversas dificuldades que a mata fechada impõe, como o calor, a infestação de mosquitos, a necessidade de buscar na natureza a comida e a água. Dessa forma, ele não tem escolha e precisa da boa vontade dos índios para sair de sua situação difícil:

Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. (GONDIM, 2007, p.13-14)

“A Amazônia é o mistério inventado pelos europeus. A expectativa que antecedia a chegada à região era alternada por momentos de puro êxtase e por ocasiões de extremo desânimo” (GONDIM, 2007, p.158). Antes de chegar à região, os expedicionários acumulavam sonhos e fantasias acerca da Amazônia. Mas ela sempre foi misteriosa e, as sensações que eles tinham, é lógico, incluíam o medo de não encontrar o que tanto ansiavam. O que de fato aconteceu.

Os indígenas seriam os habitantes que ajudariam os brancos a conseguir extrair a riqueza do local e ao mesmo tempo os auxiliariam na adaptação à região, mas não aconteceu dessa maneira. Os índios e os brancos não se entenderam, pois tinham objetivos diferentes. Os recém-chegados queriam escravizá-los e, a natureza do índio de fazer apenas o que deseja e o que precisa, não aceitou essa condição. Então:

Os nativos são os agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco (...). Investir no homem vermelho é um ato filantrópico que não ameará resultados positivos; é um trabalho inútil do branco que nada colherá de bêbados indolentes e imorais. (...) O nativo estorvava a imagem particular da Amazônia, criada pelos viajantes, pois desnudava a fragilidade do europeu nos trópicos. Em alguns autores, fica clara a dependência deles ao nativo, principalmente nas doenças. (GONDIM, 2007, p.163-164).

Os índios acabaram sendo compreendidos como seres preguiçosos, abusados, etc. E além de tudo, mostrava aos brancos quão frágeis eles eram estando inseridos na Amazônia, pois lá eles pegavam doenças e tinham dificuldade de se adaptar ao clima e à mata. No filme de ficção, este ponto da história foi apresentado através do explorador, que chegou à Amazônia e logo sentiu as dificuldades destas terras; além disso, encontra índios que não estão dispostos a ajudá-lo, principalmente porque são maltratados.

Um dos escritores que contaram histórias falseadas da Amazônia foi Carvajal, suas narrativas trouxeram falsas impressões sobre a Amazônia, e essas histórias continuaram narradas como verdades durante séculos; assim, os viajantes vinham para cá com expectativas sobre as Amazonas, chegavam e viam o contrário. Os que não vinham permaneciam com a ilusão que as narrativas traziam. No filme de ficção aborda-se essa visão equivocada sobre as nativas também:

A narrativa maravilhosa de Carvajal deixou como herança à grande maioria dos viajantes, a história das Amazonas no império dourado de Canhori. Quase trezentos anos depois, viajantes a serviço de seus países ainda se perguntavam pelas guerreiras solitárias. (GONDIM, 2007, p.169).

Para o estrangeiro a Amazônia é a mescla da maravilha com o selvagem, é uma terra a ser conquistada. Hoje, essa terra prometida, continua sendo uma metáfora do Novo Mundo, do lugar para ser deslumbrado, lugar exótico, paradisíaco. Mesmo que a realidade seja diferente, existam dificuldades de adaptação e uma crise de identificação com a literatura ficcional, ainda assim, muitos estrangeiros e até mesmo pessoas de outras regiões do país, acreditam no mito do paraíso, da exploração, do exotismo e como conclui Godim (2007, p. 330), “o olhar do homem moderno rejuvenesce a Amazônia. A magia da região permanece através dos autores europeus analisados, como se quisessem remir os pecados cometidos por tão falsas apreensões de seus compatriotas”.

2 OBJETIVO

O curta “Novo Eldorado” tem como objetivo principal demonstrar de que maneira e por quais artifícios a Amazônia foi inventada pelos Europeus, e a partir disso, traçar semelhanças e contrastes da realidade traduzida nas literaturas europeias, para que possibilite a reflexão e a mudança do conceito da Amazônia.

Como forma de perceber as modificações ilusórias da Amazônia pela visão do homem branco, são expostos dois conhecimentos de mundo: o do Europeu (Fernando) e do Pajé. Dois gêneros que buscam encontrar naquelas Terras a base de suas necessidades, um pela conquista do ouro, das mulheres e do paraíso, o outro (o índio), o lar, o alimento, a preservação. **O experimentalismo** do trabalho está em utilizar a linguagem ficcional de um curta para problematizar a percepção que prevalece ainda sobre a Amazônia de uma terra prometida a ser explorada, coberta de mistérios e produto do imaginário, perpetuada ao longo dos anos pelas narrativas europeias.

3 JUSTIFICATIVA

Os primeiros relatos escritos pelos europeus na Amazônia datam de 1541 e apresentam o edenismo (paraíso), outras somente aludindo à sua primordialidade, mas cada um registrando imagens particulares ou quase arquetípicos, extraídas da Idade do Ouro ou mesmo das maravilhas e monstruosidades índicas. As narrativas de cunho fantasioso apresentavam terras lendárias, de rios que cortavam vários reinos, lugares fabulosos, a presença das mulheres guerreiras como guardiãs do Éden tropical, povoação canibal que atemorizava os expedicionários apesar de comerem somente os de sua raça.

Mas a dura realidade era outra, a ficção literária era escondida pela veracidade dos fatos, aquele paraíso a ser desbravado, apesar de belo e de uma natureza exuberante, possui características que nada agradavam os visitantes, o paraíso aos poucos foi se transformando em inferno pela ação dos mosquitos, em lugar quente, mata fechada, com habitantes não exóticos, mas diferentes na visão europeia por possuírem tradições, andarem pelados, falar língua desconhecida e ter um modo de vida diferente dos ditos civilizados.

Vê-se a partir do trabalho de pesquisa para produção do Curta-metragem, que houve e ainda existem muitas ocasiões, um confronto de culturas, a falta de alteridade, ou seja, a inexistência da compreensão da cultura do outro. Acreditamos que a **contribuição social/cultural do trabalho** está em demonstrar essas ambiguidades presentes na literatura, aproximar os telespectadores e provocar críticas e reflexões quanto a escolha dos europeus em inventar a Amazônia.

Pretendemos também discutir a problemática do homem branco como explorador do Novo Eldorado e do respeito a cultura indígena que deve ser repassado pelas gerações e contribuir para a mudança de conceito da Amazônia para o estrangeiro ou para os de outras regiões do país, como uma Amazônia selvagem, mas como um lugar natural que deve ser preservado e sua população ser vista de forma igualitária ao ‘europeu fantasioso’ de hoje.

A produção do Curta é de grande relevância social e cultural, pois tem como propósito explorar tanto a história dos livros, as narrativas fictícias dos europeus, a visão de hoje do povo brasileiro e estrangeiro quanto às terras amazônicas e, retirar a ilusão edenística e mitológica na literatura a partir do século XVI e propiciar aos telespectadores a compreensão da cultura do Outro, desvirtuando do exótico e angariando um sentido menos metafórico da realidade dos povos, da fauna e flora amazônicas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Pode-se perceber que no livro de Gondim as histórias eram muito fantasiosas, os jesuítas, os escritores procuravam o famoso mundo do eldorado e o país das canelas onde encontrariam ouro e a fórmula da juventude eterna, enquanto eles não encontravam esses lugares eles fantasiavam criando histórias de lutas com dragões e seres estranhos. No filme “O Novo Eldorado”, procura-se contrapor essa ideia explorando a realidade dos nativos. O meio em que os índios vivem, a verdadeira natureza e a fonte de riqueza são mostradas para demonstrar o objetivo do Curta que é apresentar a fantasia dos brancos em criar e inventar seres que nunca existiram naquele lugar que estavam explorando.

O método utilizado foi pesquisa de campo, cujo objetivo é conseguir informações e/ou conhecimento a cerca de um problema, para o qual se procura uma resposta. Conforme Lakatos (2005), a finalidade deste método é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto jornalístico trata-se de um filme de ficção de curta-metragem de aproximadamente dez minutos. Foram utilizadas duas câmeras Nikon D3100, o espaço abrangeu a mata e uma sala de aula da Universidade Federal do Amazonas para a realização das filmagens. Exatamente oito pessoas interpretaram os personagens do filme, sendo três índios, um descobridor e quatro alunas, os demais participantes contribuíram como figurantes e produção. Houve dois momentos de gravação, no primeiro momento foi gravada a cena do descobrimento na floresta e, no segundo a gravação em sala de aula. O filme de ficção traz uma interpretação diferente de como o livro “A Invenção da Amazônia” descrevia a Amazônia e os seus descobridores. Por meio de uma realidade mais atual, o produto apresenta dois comportamentos sociais, um associado a atitude dos indígenas ao contato com o europeu, que apesar de serem arredios ao descobridor, foram os verdadeiros contadores da realidade amazônica, e a atitude do europeu, que demonstrou uma curiosidade pelas terras em favor da exploração, de interesses particulares, não respeitou o Outro, tratou-lhe como primitivo, diferente e preguiçoso. Essas duas vertentes de pensamento demonstradas no Curta, entre o índio como humano e preservador e o europeu como intolerante são encontradas distorcidas na literatura, o índio é sempre o selvagem, e o homem branco aquele que está apto a conhecer e desbravar as terras, mentor de toda intelectualidade e cultura universal.

6 CONSIDERAÇÕES

O presente produto jornalístico trouxe uma reflexão acerca da importância da Amazônia como um todo. A visão de como os europeus enxergavam esta terra habitada por povos diferentes com hábitos e crenças distintos dos seus, fez ver que nem tudo é o que parece. Os brancos queriam ouro, buscavam ter aventuras enfrentando monstros criados por eles próprios, mas o que encontraram aqui foi totalmente o contrário do que esperavam.

Houve estranhamento e exploração. Os europeus não entendiam porque os índios andavam despidos, viviam no meio da floresta, acreditavam em espíritos e suas moradias eram diferentes e simples. Além disso, também exploraram os indígenas para conseguirem ouro e outras fontes de riqueza, como por exemplo, o Pau-Brasil. No filme é possível perceber que os índios foram pacíficos com os europeus, apenas mostrando como cultivavam seus hábitos, seu mundo e tentando ensinar que para viver bem e feliz não era preciso muito. Tudo o que precisavam estava ali naquele lugar: a comida através da caça, suas moradias construídas com árvores...

Assim, o filme contribuiu de maneira positiva, uma vez que foi possível perceber como os índios foram receptivos mesmo que acanhados e a princípio com intimidação pelo fato de os europeus serem conhecidos por eles como exploradores. Estabelecer a veracidade histórica fantasiada na literatura, ou seja, nas narrativas, e transformar essa percepção em realidade de que os índios são a favor da preservação da natureza, da paz e que a Amazônia foi inventada pelos europeus e que hoje se precisa repensá-la sem muito exotismo, foram os pontos que mais chamaram a atenção e fizeram do produto jornalístico a reflexão que pretendeu-se passar para o telespectador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.